



## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COMPARTILHADAS DE ALFABETIZADORAS EM ESCOLAS PORTUGUESAS E BRASILEIRA: implementação de políticas públicas para iniciação da leitura e da escrita

*Suzana Mary de Andrade Nunes<sup>1</sup>*

*Fátima Carneiro Pereira<sup>2</sup>*

*Eixo temático: 1 Alfabetização e Políticas Públicas*

**Resumo:** Este estudo é um recorte de uma investigação de Pós-Doutorado, a fim de analisar as práticas pedagógicas de professoras/or do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) em escolas portuguesas, sob a ótica de implementação de políticas públicas educacionais, em execução. Igualmente, foram apreendidas as produções dos significados e ressignificações de quatro professoras/or de duas escolas públicas e 3 professoras de escolas privadas, por meio de entrevistas semiestruturadas a livres, nomeadas de “encontros de bate-papo” associadas, portanto, as observações participantes em escolas da região metropolitana do Porto, em Portugal. Ressalta-se que os objetivos se entrelaçam com as expectativas dos princípios democráticos, na medida que também direcionam investimentos intelectuais e políticos para realização das “temidas e contestadas” avaliações nacionais no período escolar de iniciação da leitura e da escrita. Contempla-se a escola como um espaço de conflito e contradições, uma vez que, se por um lado, ela assegura um projeto de vida construído desde a infância, por meio da internalização dos valores e das mentalidades da sociedade e para o mercado de trabalho, por outro lado, e concomitantemente, é um espaço mobilizador para transformação da sociedade como movimento em direção à justiça social. Para tal, a implementação de um currículo único e obrigatório designado de Aprendizagens Essenciais, documento orientador para que o sistema educacional ofereça as mesmas oportunidades para todas as crianças no processo de formação escolar nesse nível do ensino básico português.

**Palavras-chaves:** Práticas pedagógicas; escolas portuguesas; alfabetização; 1º ano do 1º CEB; democratização escolar.

### Introdução

A alfabetização tem sido a ferida narcísica do mundo civilizatório, segundo a UNESCO,

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Contato: suzanamary@hotmail.com

<sup>2</sup>Doutora pela Faculdade Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Professora Associada com Agregação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). Contato: fpceira@fpce.up.pt

o que reforça a afirmação de Paulo Freire em sua indignação ontológica, ao denunciar “(...), o número alarmante de crianças interditadas de ter escolarização e que com tudo convivemos como se estivéssemos anestesiados.” (FREIRE, 2011, p. 18).

Certo é que não podemos nos contentar nem com o analfabetismo e nem com uma alfabetização que discrimina e enforma as crianças para um destino auto profetizado e traçado pelo *status quo*. Noutros termos, rejeita-se um Estado que, em vez de potencializar oportunidades para ascensão social, econômica e política, delimita, impede e gesta políticas para desviar trajetórias que conduzam ao usufruto à liberdade das crianças, dos jovens e dos adultos que vivem, sobretudo, em países pobres e subdesenvolvidos do mundo.

Nessa linha de objetivo de pesquisa, este estudo é um recorte de uma investigação om base na pesquisa qualitativa, de modo que permanecemos acompanhando o cotidiano das escolas portuguesas entre os meses de outubro de 2021 a março de 2022. No período foi realizado entrevistas, entre semiestruturadas e livres, as quais designamos “Encontros de bate-papo” com pessoas das escolas: professores, coordenadoras, diretora, assistentes operacionais, assim como pessoas de diferentes gerações, classes sociais, graus de escolaridade e profissões, em diferentes contextos sociais da região do Grande Porto/PT.

Diante deste farto conteúdo coletado, foi feita a seleção de entrevistas com quatro professores de duas escolas públicas e uma privada. Para embasar a análise, ao passo que selecionamos as práticas pedagógicas professor da escola pública (Professor 1-EPB)<sup>3</sup>. ressaltamos que foi criado um critério de identificação dos professores para preservarmos o anonimato. Desse modo, utilizamos a designação dos professores no seguinte formato: professora da escola particular (Professora 1-EPA); duas professoras da escola pública (Professora 1- EPB e Professora 2 -EPB) e um professor da escola pública (Professor 1-EPB).

É fundamental que partamos de um ponto em comum e bem definido conceitualmente acerca das práticas pedagógicas. Assim, encontramos em Diniz-Pereira (2022, p. 3) a definição da qual concatena com os objetivos deste estudo “[...] é um conjunto de ações que se desenvolvem intencionalmente, dentro e fora da escola, por profissionais da educação com propostas educativas e formativas”.

Alinhamo-nos, de igual modo, à concepção de Franco (2015) ao afirmar que nelas evidenciam a submissão ou rejeição de uma dominação, o que pressupõe possibilidades de escolhas ou liberdade de escolhas nem sempre conscientes, porque incidem sobre subjetividades e/ou posições políticas, efeito das vivências e significados construídos nas

---

<sup>3</sup> Foi criado um critério de identificação, na investigação qualitativa, a fim de preservarmos o anonimato das/o professoras/or. Desse modo, utilizamos a designação dos professores no seguinte formato: professora da escola particular (Professora 1-EPA); duas professoras da escola pública (Professora 1- EPB e Professora 2 -EPB) e um professor da escola pública (Professor 1-EPB).

formações pessoais que enlaçam a relação com o outro: do professor que planeja objetivos e meios para serem alcançados os resultados propostos e de quem e para quem foi executada a prática ou a ação educativa. A autora salienta que tanto deve como pode resistir ou resignar ao estabelecimento de uma intencionalidade ao acentuar “[...] que dirige e dá sentido à ação, solicitando uma intervenção planejada e científica sobre o objeto, com vistas à transformação da realidade social.” (FRANCO, 2015, p. 604).

Selecionamos para este estudo as práticas do professor do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) português, uma vez que ele realizou uma prática interdisciplinar entre o aprendizado da iniciação da leitura e da escrita entrelaçando com conteúdo das Ciências ou Estudo do Meio, como é designado em Portugal. A propósito, foi realizado um recorte das práticas observadas de cada professor a fim de compreender os planejamentos e expectativas das crianças no processo de escolaridade, tendo como elemento norteador as políticas públicas e os campos políticos, econômicos e sociais.

## **2 Adornar a estrutura semântico: *Literacy*, *Literacia* e *Letramento***

Compreender os conceitos, em seus próprios contextos de origem, é fundamental para que a revisão da literatura internacional não possa obscurecer os resultados em vez de contribuir para os esclarecimentos. Não obstante a relevância da dinâmica histórica e social dos conceitos, podem-se criar lapsos interpretativos, por sua vez, incoerências que fragilizam os resultados. Assim, a recorrência conceitual do vocábulo *literacy*, em investigações de língua inglesa, traduzido para língua portuguesa como “alfabetização”, deve contemporizar o contexto situado do português tanto de Portugal como em países que falam a língua portuguesa, a exemplo do Brasil.

Encontramos o conceito, em bases de dados, acompanhado com diferentes adjetivos, como *scientific literacy*, *literacy*, *economic literacy*, *technologic literacy* etc., ao passo que percebemos que só há um termo para definir o processo inicial do sistema alfabético de leitura e de escrita na língua inglesa. Em Portugal, fomos pesquisar o conceito *Literacia* nos documentos oficiais, uma vez que não o ouvimos no cotidiano das escolas e ao nos reportarmos a ele houve sempre um silêncio associado a expressão não-verbal de ‘nada a dizer’.

Tomando em análise o documento das Aprendizagens Essenciais como em outros documentos oficiais voltadas ao 1º CEB, identificamos que o termo “*Literacia*” aparece uma vez, embora os textos do documento apresentem uma extensa definição pragmática relacionada ao conceito. Em contraponto, nos relatórios do PISA (2018) de Portugal, a palavra aparece 237 vezes. No site da UNESCO, o conceito aparece, recorrentemente, nas mensagens e páginas sobre educação: “O conceito convencional ligado à alfabetização, era

limitado às competências de leitura, escrita e matemática ainda hoje é utilizado [...]” (UNESCO, 2021).

Baseando-nos nesses achados e nas observações, percebemos que o conceito Literacia, no processo inicial de leitura e de escrita, é pouco utilizado, restringindo-se, possivelmente, aos limites do universo acadêmico, mas que também não deve ser base conceitual principal, posto o esvaziamento nos documentos oficiais.

Perguntamos em um dos encontros de bate-papo com a diretora de um dos agrupamentos sobre o uso do termo “alfabetização” e ela respondeu “nós, aqui, em Portugal, não costumamos usar este termo, porque remete a um período em que tinha muitos analfabetos em Portugal”. Com isso, percebemos que há um certo preconceito em usar esse vocábulo por estar associado ao período ditatorial e ao quantitativo representacional de analfabetos registrado em Portugal até a década de 80 do século XX. É uma maneira de esquecer ou camuflar sua própria história e de elevar os esforços do país em atender os compromissos internacionais na erradicação do analfabetismo propostos pela UNESCO, em conferências mundiais, que convergiram com as políticas educacionais de reversão do quadro de analfabetismo dos portugueses e em países do mundo.

Haja vista o exposto, é imprescindível, portanto, que as leituras investigativas na linha tanto da alfabetização como do letramento, *literacia* ou *literacy* devem preceder a compreensão conceitual e contextual sob a perspectiva da cultura de determinado grupo étnico ou país, do que já temos consensualmente adotado da concepção de Street (2014), Dunzen (2019), entre outros.

A relevância histórica, linguística e social não pode ser analisada *en passant*, ao contrário, reforça-se o entendimento de que os conceitos são dinâmicos, mesmo quando se trata de uma mesma estrutura linguística, sendo o que vai ser determinante são as significações e os sentidos em uma geopolítica situada.

### **3 Práticas Pedagógicas para iniciação da leitura e da escrita concorrentes para o fortalecimento democrático: resistências e resignações às políticas públicas executadas em escolas portuguesas**

No tocante às práticas pedagógicas, é importante ressaltar que somente o Professor 1-EPB fez referência à relevância das práticas interdisciplinares, das quais ele teve uma formação docente e alinhamento para desenvolvê-las profissionalmente. As professoras tanto da escola privada como da pública não se reportaram a ela, e, também nelas, não foi apreendida de forma consciente e planejada nenhuma prática pedagógica com base interdisciplinar.

Portanto, neste estudo, decidimos apresentá-las, uma vez que, notoriamente, é ainda um desafio para executá-las, em sala de aula, brasileiras, dadas as condições físicas das escolas que não oferecem equipamentos e material que incentivem aos professores, assim como, mediante a formação do professor, que se restringe a uma matriz curricular, preponderantemente, disciplinar.

Observamos, nitidamente, as fronteiras disciplinares, ao passo que havia ênfase em comunicar à turma se a aula era de Português, Matemática, Estudo do Meio, Artes ou Inglês, sendo que esta última só constava na matriz curricular da escola particular, conforme observação dos horários de cada turma e no documento das Aprendizagens Essenciais. De antemão, essa constatação evidencia que a formação escolar oferece oportunidades diferentes para grupos socialmente diferentes.

O Professor 1- EPB realizou duas abordagens interdisciplinares, em sala de aula, articulando a iniciação da leitura e da escrita com o Estudo do Meio (Ciências). Vale ressaltar, no entanto, que a primeira abordagem não foi exitosa, dadas as condições contextuais em que foi aplicada e, provavelmente, à falta de planejamento. Já a segunda abordagem foi exitosa, de maneira que houve o envolvimento da turma.

Detalhamos o contexto em que as duas práticas interdisciplinares do Professor 1-EPB: a primeira, após problemas de saúde, o professor ficou afastado e só assumiu as atividades profissionais em novembro de 2021. Durante o período de seu afastamento, a colega, que está no apoio resguardada pelo Art. 69 do Estatuto da Carreira Docente (PORTUGAL, 2018) o substituiu.

Inicialmente, ele fez uma recapitulação dos conteúdos aprendidos, de modo que fez perguntas sobre as vogais “A, E, I, O, U” e as consoantes “P e T”, para que as crianças identificassem as letras em relação ao som. Bruscamente, o professor interrompeu o conteúdo e começou a falar sobre os ursos que adormecem (hibernam) no inverno e depois acordam. Ele perguntou por que alguns animais fazem isso, ao passo que enfatizou que o urso é um animal de grande porte.

No entanto, as crianças não se arriscaram a responder, e, percebendo o silêncio das crianças, ele insistiu para que elas criassem hipóteses, contudo, as crianças permaneceram em silêncio. Então, o Professor 1-EPB continuou apresentando alguns características e contextos relacionados ao *habitat* humano e dos animais silvestres:

Os animais não têm supermercado para comprar comida; se eles tiverem muito frio, se tiver muita neve; terá menos alimentos. Como está frio, precisa de mais alimentos para adquirir mais gorduras e gastar mais energia. Quando os animais hibernam gastam muito

pouca energia e fazem isso em uma toca... (Informação verbal)<sup>4</sup>

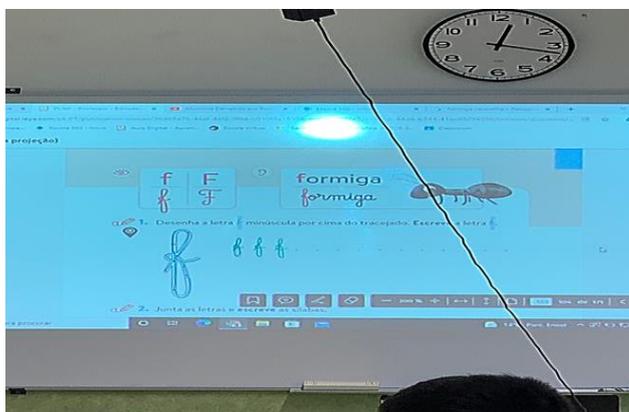
Na sequência, desviou-se do conteúdo, aproveitando-se da fala de uma criança, em que mencionou a palavra “torneira”, para pedir uma palavra com a sílaba “tu”. Ao retornar o conteúdo, o Professor 1-EPB mostrou como se escreve a palavra “torneira” e pediu para as crianças construírem frases com a palavra supracitada, e três delas falaram três frases diferentes.

No tocante à segunda prática interdisciplinar, o Professor 1-EPB iniciou a aula perguntando que dia da semana era, e uma das crianças respondeu que era “quarta-feira”. Em seguida, o professor perguntou qual a data do dia é hoje, considerando que ontem foi 15 de novembro? As crianças responderam e o professor atualizou o cabeçalho do dia. Na sequência, ele disse que naquele dia elas iriam aprender a letra “F” e pediu para que as crianças abrissem o livro na página 102.

Quando todas as crianças estavam com o livro aberto sobre a mesa, o professor pediu que uma delas lesse o texto intitulado “as formigas”. Após a criança ler com ajuda do professor, ele iniciou a releitura do texto, até que uma das crianças o interrompeu para falar sobre as formigas que vivem na casa dele. A criança disse possuir três formigas. O professor percebeu que as crianças prosseguiriam a conversa sobre as formigas e, enquanto elas falavam sobre as suas experiências, ele acessou a *internet* e pesquisou sobre um vídeo relacionado à ação dos formigueiros no subsolo.

As crianças fizeram comentários de suas experiências com as formigas no seu cotidiano familiar, e, após ter compartilhado com as crianças os diferentes saberes, ele acessou o aplicativo e apresentou a letra cursiva tracejada “f” e pediu para que cada uma das crianças fosse ao quadro e, com o dedo, contornasse a letra. Encerrou a aula para as crianças lancharem e irem ao intervalo.

Figura 2 – Letra cursiva tracejada



<sup>4</sup> Fala do professor 1-EPB na aula de Português, em 22 de novembro de 2022.

Fonte: Fotografia tirada pelas autoras (2022)

Diante do que foi apresentado, trazemos dois aspectos que nos parece importante de serem destacados. O primeiro se refere às práticas interdisciplinares que são enriquecedoras e privilegiam um conhecimento amplo, de maneira que rompem com a visão disciplinar que vai de encontro à leitura simples do objeto do conhecimento, de acordo com a concepção de Rojo (2010). O segundo aspecto diz respeito à execução da prática interdisciplinar que precisa ser planejada e progressiva de acordo com os objetivos propostos.

Na observação da segunda prática interdisciplinar, presenciamos o envolvimento das crianças na aula, na sua liberdade de expressarem suas vivências e de compartilharem com o professor os saberes, oportunizando uma aula prazerosa que despertou a curiosidade e o aprendizado.

Percebemos que o professor transitou em diferentes linguagens (oral, leitura, escrita, digital) e áreas do conhecimento, demonstrando habilidade e competência do conhecimento científico e da articulação de diferentes modelos ou metodologias de ensino, ao estabelecer uma relação próxima afetiva e efetiva de compartilhamento do conhecimento com as crianças. Ao transitar com os conteúdos, ele utilizou as práticas interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares, por meio de sequenciamento didático.

#### **4 Considerações Finais**

São definidores de práticas eficazes ou boas práticas pedagógicas o valor e o reconhecimento profissional, assim como ter afinidade com o processo inicial escolar, o qual, por sua vez, é o eixo norteador para mobilização de mudanças, correção e tomada de rumos, a fim de que o desafio da novidade em salas de aula no 1º Ciclo do Ensino Básico português, brasileiro, ou de qualquer outro país, se torne um bem pessoal.

Afirmamos o acima exposto, apesar de compreendermos que as mudanças precisam ser coletivas, a partir das diferentes pessoas e funções, de modo que retornamos ciclicamente dentro do processo virtuoso para as políticas públicas

Por ora, acreditamos que Portugal, país guardião originário da nossa língua materna; Brasil, maior país com falantes nativos da língua portuguesa e países africanos poderiam engajar-se na construção de um projeto internacional de iniciação da leitura e da escrita, tendo em vista as características da estrutura linguística, a fim de que os resultados deste projeto possam ter maior alcance, o que isso quer dizer, uma luta cooperada entre os países de língua portuguesa para reversão do analfabetismo no mundo, seguindo os propósitos de Educação para Todos ou o Relatório Reimaginar nossos futuros juntos da Unesco.

Temos certeza, que os estudiosos sobre a alfabetização, no Brasil, conjuntamente, a coletânea de práticas pedagógicas isoladas, que por serem isoladas, não as consideramos eficazes, mas que podem se tornarem irradiadoras de um movimento coletivo em defesa a formação de uma geração de leitores e escritores.

## Referências

AUERBACH, Patrícia. **Direitos do pequeno leitor**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2017.

FRANCO, Maria Amélia S. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, nº (3), jul/set 2015, p. 601-614. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201507140384>

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

PORTUGAL. **Estatuto da Carreira Docente** (com alterações até à Lei n.º 16/2016, de 17 de junho). Porto: Federação Nacional da Educação, 2019.

PORTUGAL. Direção-Geral da Educação. **Aprendizagens Especiais** (2018). Disponível em: <<http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SCHMDIT, João P. Para estudar Políticas Públicas: aspectos conceituais, metodológicos e abordagens teóricas. Santa Cruz do Sul: **Revista de Direito**, vol. 3, n. 56, p. 119-149, set/dez. 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2020.